

Juvenal Dias da Rocha

As Possibilidades Existenciais em Kierkegaard: A busca pelo estádio excelente – o Quarto Estádio

RESUMEN: Kierkegaard parece propor o quarto estádio, mas sua comprovação será a elaboração de argumentos alicerçados nas obras do autor, para que seja possível afirmar a ideia, em conexão com a existência e com a subjetividade. A partir do fundamento filosófico do existencialismo cristão, que evidencia sua inquietação com o cristianismo praticado em seu tempo, sua preocupação em estabelecer o verdadeiro cristianismo, a discussão acerca do pecado original e a angústia gerada pela constante busca de reconciliação, Kierkegaard propõe o que ele chama de salto da fé – o salto para o estádio excelente, o quarto estádio, inserido nas possibilidades existenciais.

PALABRAS CLAVE: Kierkegaard, Quarto Estádio, Cavaleiro da Fé, Cristianismo Autêntico.

The Existential Possibilities in Kierkegaard: The search for the excellent stadium – the Fourth Stadium


ABSTRACT: Kierkegaard seems to propose the fourth stadium, but his proof will be the elaboration of arguments based on the author's works, so that it is possible to affirm the idea, in connection with existence and subjectivity. Based on the philosophical foundation of Christian existentialism, which highlights his uneasiness with Christianity practiced in his time, his concern to establish true Christianity, the discussion about original sin and the anguish generated by the constant search for reconciliation, Kierkegaard proposes what he calls the leap of faith – the leap to the excellent stadium, the fourth stadium, inserted in existential possibilities.

KEYWORDS: Kierkegaard, Fourth Stadium, Knight of faith, Authentic christianity.

Artículo [PT] | ISSN: 2386-3994 | Recibido: 28-febrero-2021 | Aceptado: 30-junio-2021.

Introdução

Kierkegaard é considerado o precursor do existencialismo, pois lançou as bases do movimento existencialista, embora o termo *existencialismo* não estivesse então em uso. Foi um filósofo cristão que ousou fundamentar sua teoria a partir dos relatos “existencialistas” de personagens bíblicos como Abraão, que se dispôs a sacrificar seu

► **Juvenal Dias da Rocha**, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. **Autor de correspondência:** (✉) Juvdr@uol.com.br –  <http://orcid.org/0000-0003-3841-237X>

filho Isaac; e argumentar sobre o desespero de Lázaro ao ficar doente até a morte e que, embora tenha sido ressuscitado por Jesus, não logrou vantagem alguma, uma vez que teve que enfrentar a morte mais uma vez. Kierkegaard proferiu a angústia do ser humano em todas as áreas da vida, a partir do pecado hereditário, porém considera Abraão um herói, e os cristãos, os mais bem-aventurados, na medida em que se ri da morte ao invés de enfrentar o desespero da doença até a morte, como ele enfatiza:

Visto que na linguagem humana a morte é o fim de tudo, e, como costuma dizer-se enquanto há vida há esperança. Mas para o cristão, a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida comporta; mesmo transbordante da saúde e de força (Kierkegaard 1998, p.p. 314-315).

Além disso, ele foi o primeiro a investigar o modo de existência do indivíduo, ao passo que os filósofos anteriores investigaram a existência do mundo¹. De acordo com sua filosofia, o homem é o resultado de tudo que se forma à sua volta e ao longo da sua vida – o princípio da ausência de um sentido da vida, ao mesmo tempo em que cria uma expectativa em torno de sua própria existência e direção divina. Por isso, baseia-se no conceito de desespero, implicado pelo pecado mortal e hereditário referido nas Escrituras, fonte principal da angústia, sem correr o risco de abandonar a fé em Deus, ainda que por breves momentos. Experiência que ele mesmo viveu ao afastar-se da vida cristã por breve tempo. Durante esse período Kierkegaard vivenciou os prazeres mundanos, mas veio a arrepender-se e voltar para a fé e conseqüentemente para a faculdade de Teologia da Universidade de Copenhague, após a morte de seu pai.

Os estádios no caminho da vida

A noção de *estádios*² elaborados por Kierkegaard traz a lume os fundamentos de sua filosofia, por isso, é importante compreender, por meio de estudos (*stilus vitae*)

¹ Se considerarmos Kierkegaard como o fundador do e fator positivo verificado no curso do existencialismo, no tocante à história da filosofia.

² Insistem-se no termo “Estádios”, pois o conceito não abarca apenas o sentido mais simples, de estágios; mas carrega o significado mais preciso de “percurso”, ou “trecho” contingente a todo indivíduo singular. Não obstante, o conceito admite também o sentido de etapas, esferas, para indicar a possibilidade de escolha individual. Isso será se possível for, esclarecido no futuro por meio deste trabalho.

biográficos do autor que ele desenvolveu seu pensamento em meio à diversificada experiência, a partir da criação paterna, de sua convivência com a igreja de seu tempo, sua religiosidade, bem como sua ânsia por um cristianismo autêntico, além de sua posição diante do casamento e do ministério eclesiástico.

O primeiro estágio – Estético

Na visão do filósofo dinamarquês, este estágio era composto de certos valores oriundos do *romantismo* e era a maneira principal de vida de muitos de seus contemporâneos. Este estágio pode parecer, inicialmente, de difícil distinção, uma vez que em sua análise mais próxima de alguns personagens das obras filosóficas e clássicas, Kierkegaard demonstra esta diversidade, e seus heróis podem ser desde Alcebiades até muitos outros pretendentes que expressaram este valor na forma de várias possibilidades, passando pelas fábulas audaciosas e sedutores insaciáveis como a do lendário Dom Juan, que representa a força irresistível da paixão. Essa abordagem que Kierkegaard faz para definir o caráter dos estetas carrega um traço comum: *o desejo*. Um conceito que poderia passar pela satisfação sentimental, material, podendo, em determinadas circunstâncias, chegar ao desejo erótico que, segundo um comentador, torna-se “uma ambição totalitária [...] particularmente, bem compreendida pelos filósofos gregos e pelos poetas românticos” (Mesnard 2003, p. 26).

Esse estágio é desenvolvido na filosofia de Kierkegaard sob a autoridade de sua própria experiência, pois no período que sucede à morte de seu pai ele se entregou a essa forma de vida estética, contrariando, de certo modo, seu estilo de vida original. Entretanto, a partir do momento em que sente em seu coração a carência (vazio natural subjacente à existência estética) de uma vida feliz, tornar-se-á um forte opositor de tal princípio e algumas de suas obras, como *O Banquete*, irão claramente fazer transparecer isso, como sustenta Mesnard:

Mas à medida que se afastam no coração de Kierkegaard a esperança de um dom-juanismo pessoal e a possibilidade de uma vida erótica normal, a crítica do estágio estético não para de se manifestar. Ao nível de sua segunda grande obra, “As Etapas no Caminho da Vida”, esta crítica exprimir-se-á sob a forma de um diálogo, “O Banquete”, onde os diversos interlocutores se esforçam por depreciar as pretensões excessivas do erotismo estético... (Mesnard 2003, p. 27).

Kierkegaard, então, reconhece que esse tipo de existência não proporciona realização àquele que lhe dedica a vida. Também percebeu que neste estágio os objetivos não são claros e se perdem por não haver satisfação. É então, que se pode perguntar: “Quem é feliz realmente, de modo que aqueles que buscam o prazer são os mais felizes?” Ao que parece, serão aqueles que não experimentaram felicidade alguma.

O segundo estágio – Ético

Este se estabelece mais facilmente pelo sentido que carrega sua definição: É o estágio, essencialmente, caracterizado por uma vida marcada pela busca de tornar-se mais e mais coerente com as normas morais. Esse estágio serve como instrumento que restringe o comportamento humano e pode ser um guia para a racionalidade. Pois a moral leva o indivíduo a aceitar suas limitações, de modo que a individualidade, embora seja real, interage com o universal, e propõe a contemplação de uma existência mais atenta à correção.

É nesse estilo de vida que se instala a consciência de vida ética, na qual começa a aparecer, no pensamento de Kierkegaard, sua traumática experiência amorosa e sua dificuldade em entender e relacionar-se ao assumir um compromisso ético como o casamento. Pois ele vê na manutenção da vida conjugal a característica essencial da ética, a qual ele renunciou, pois acreditava ser pessoalmente incapaz de alcançar a plena realização, que somente será possível no estágio religioso. E assim, somente aliado à ajuda de Deus, o homem é capaz de sustentar a forma de vida moral pretendida pelo estágio ético. Isso se explica no fato de Kierkegaard ter plena consciência de que “a Ética nunca é simples observadora – antes acusa, julga”, por isso ele acreditava que o casamento seria um fardo muito pesado para ele, que era muito afeito à reflexão solitária.

O terceiro Estádio – Religioso

Isso nos leva à discussão do terceiro estágio – Para Kierkegaard, o estágio ético, representado especialmente pelo casamento, não consiste na única realidade subjetiva do homem, havendo a possibilidade de uma solução excepcional: renunciar à vida conjugal por uma vocação religiosa, a qual lhe possibilita atingir um estágio de existência superior à de um marido mais perfeito.

Kierkegaard foi, desde sua infância, conduzido pela família na prática religiosa; convívio que sempre esteve presente em sua vida como uma fonte de inspiração e um espaço de reflexão e existência. A religiosidade pessoal do filósofo é composta por duas realidades: por um lado, o cristianismo com seus dogmas e seus paradoxos; por outro lado, a tensão psicológica com que ele e sua família recebem estes dogmas e paradoxos do cristianismo em meio aos problemas existenciais profundos e traumáticos, os quais justificam os temas constantes em suas obras: *angústia, doença, desespero, temor e tremor*.

A obra *Temor e Tremor* torna-se um bom exemplo para sua introdução ao mundo religioso. Seu objetivo é mostrar, por meio do sacrifício de Abraão, que o estádio ético não é absoluto, pelo contrário, fica até ofuscado diante de exigências superiores do estádio religioso. O autor então argumenta que Abraão não hesitou em sacrificar Isaac e que este desprendimento foi exatamente motivado pela expectativa de que seu filho lhe seria restituído – crendo ele na ressurreição do filho da promessa. Pretendia Kierkegaard, com isso, emprestar alguma semelhança com suas renúncias, como a do casamento com Regina Olsen, por exemplo, e a posterior recuperação de Isaac por Abraão? A resposta a este questionamento é a plausível elevação de Kierkegaard ao plano da fé como o fez Abraão, como se percebe ao longo de sua vida, embora admita que “se tivesse fé não teria deixado Regina”³.

Kierkegaard é especialmente intrigado com o modo distorcido em que as pessoas de sua época entendiam o que é ser cristão – ele se preocupava intensamente com o conceito de ser um cristão autêntico. Para Kierkegaard ser cristão não consiste de mera declaração de fé em certas doutrinas cristãs, mas em viver como Cristo viveu. Para ele, ser cristão é viver a vida de Cristo⁴ e, isso inclui sofrimento, angústia, temor e tremor. Por isso, ele fazia nítida distinção entre cristianismo e cristandade e tinha zelo e amor por esses a quem adverte estarem em profunda ilusão e desejava que aqueles que se

³ Diário t. I, p. 280 apud Farago, p. 50.

⁴ Aqui, se faz necessário explicar que esta proposta equivale a uma espécie de silogismo, digamos, positivo, pois expressa algo muito mais profundo, é Cristo quem vive a sua vida no crente, porque seria impossível para qualquer um viver a vida de outro; assim, somente Cristo pode viver a sua vida, então, de acordo com a doutrina, somente é cristão aquele em quem Cristo vive, de modo que ele tenha uma vida cristã.

consideravam religiosos (mas vivendo como estetas) dessem também *o salto* para a verdadeira fé cristã, desvencilhando-se de vez da ilusão a que incorriam.

Supondo que a cristandade é uma imensa ilusão e que a massa dos que se dizem cristãos vivem nessa quimera, há então toda a aparência de que a ilusão de que falamos seja muito geral. Mas complica-se com a ideia imaginária de que se é cristão. A vida decorre nas categorias estéticas, e se porventura se pensa no cristianismo, adia-se a questão e fica-se absolutamente tranquilo porque, diz-se, no fundo, sou cristão. É indubitável que se encontram na cristandade pessoas que levam uma vida tão sensual como a do pagão mais sensual, e mais sensual ainda devido à sua maldita certeza de, no fundo serem cristãos. Mas...! (Kierkegaard 2008, p. 43)

Duas parecem ser as razões que fazem a importância das possibilidades de existência e a contingência do quarto estádio: A primeira é a percepção de que é aí que começa sua ênfase na subjetividade do indivíduo em sua relação com o absoluto. A segunda razão se prende à insistência do autor em definir o que vem a ser um cristão autêntico (uma espécie de embrião do quarto estádio). Nesse sentido, o indivíduo se vê na iminência de escolher viver entre quatro modos de vida. Ele pode escolher entre o fútil e o necessário; entre o necessário, fugindo-se do ilusório, saltando para o genuíno, autêntico, que o conduz na relação com o infinito.

Em nossos tempos, observamos diferentes concepções do que é ser cristão. Os diversos grupos debatem sobre o que é uma vida cristã autêntica. Neste sentido, o pensamento de Kierkegaard vem a contribuir, do ponto de vista teórico, a entendermos o que diferencia o participar de uma comunidade cristã obedecendo às regras comuns, e uma existência cristã autêntica onde se questiona a relação entre a vida material e a vida espiritual.

Conceito de quarto estádio

O conceito de Quarto Estádio começa a se delinear no pensamento de Kierkegaard, a partir da diferença entre cristandade e cristianismo proposta no terceiro estádio, na elaboração do conceito de existência cristã autêntica.

Kierkegaard parece confirmar por meio de análise do conteúdo da consciência onde se encontra a filosofia da existência, e colocar a possibilidade, não somente dos três *estágios da existência*: estádio *estético*, estádio *ético* e estádio *religioso*, mas também a presença de um estádio superior, ainda que, para isso, o indivíduo tenha que se

sujeitar a um percurso existencial, de salto em salto até dar o salto subjetivo da fé e produzir na existência, um cristianismo autêntico.

Isso inclui a discussão que poderá partir da mera contingência, à premente necessidade da busca individual pelo quarto estágio. Por isso, ao perscrutar as profundezas do pensamento Kierkegaardiano externado em seus escritos, cuja inquietação religiosa é plenamente perceptível, não somente do ponto de vista racional, mas também do ponto de vista da relação fé e razão (pois Kierkegaard foi antes de tudo um filósofo da religião) é possível concluir ser de fato necessário, no pensamento Kierkegaardiano, um quarto estágio que leve à concretização do conceito de cristianismo autêntico.

A partir desta análise, fica evidente que a questão principal, que seria o fio condutor para se chegar ao desfecho de sua filosofia sobre o estágio excelente é o entendimento acerca do conceito de “cavaleiro da fé”, por meio da verificação histórica de seus atributos, a partir de uma de suas principais obras *Temor e Tremor* onde, em contraste com o herói trágico, onde ele apresenta estranhos conceitos éticos a partir de atributos como sofrimentos, solidão, silêncio, resignação e fé. O cavaleiro da fé é retratado como quem cavalgou para além da ética e da religiosidade postas, pois ousou empreender o sacrifício do filho único da promessa. Este será o viés pelo qual se estabelecerá a necessária transformação do indivíduo chamado a seguir a Cristo de tal modo que demonstre, não somente uma experiência religiosa, mas também fortes evidências de um verdadeiro cristianismo, a partir do chamamento efetuado pela eficácia da pregação dos apóstolos, no conteúdo do Novo Testamento.

Embora Kierkegaard não tenha enunciado o quarto estágio, é possível, a partir de leituras de Kierkegaard e dos estudiosos do seu pensamento, perceber a profunda diferença entre o estágio religioso e o quarto estágio, que pode ser representada pela antítese entre as lideranças cristãs e a figura simbólica do cavaleiro da fé. As lideranças cristãs representam o terceiro estágio, o estágio religioso, em oposição à existência cristã autêntica do Cavaleiro da fé.

Fundamentos da necessidade do quarto estágio

Para Kierkegaard, existe a inter-relação entre os estágios, com a possibilidade de “trânsito” entre eles. Ele destaca a insuficiência dos estágios estético e ético para

estabelecer uma relação adequada com o infinito, deixando, assim a porta aberta para a entrada do estágio religioso e a contingência do quarto estágio; devido à sua visão acerca do sistema religioso imperante na Dinamarca, em sua época. Razão pela qual ele enfatiza ser o ponto de vista ético como insuficiente para compreender a realidade da fé⁵. Isso é notado a partir da leitura de sua principal obra de cunho religioso – *Temor e Tremor*, onde ele descreve a atitude de Abraão, ao obedecer a Deus, quando pediu o sacrifício de seu próprio filho, o filho da promessa. É aí que Kierkegaard lança o desafio do Cavaleiro da Fé, como antítese dos líderes religiosos de sua época, na cidade de Copenhague.

A partir dessas constatações a contingência do quarto estágio poderá passar da idealidade para a realidade, desta feita, identificando-o nas obras de Kierkegaard, buscando esclarecer por que, para Kierkegaard não basta se situar no estágio religioso, por isso, foi impulsionado a colocar um quarto estágio – e trazer a lume a sua inquietação, evidenciada nas críticas ao sistema religioso estabelecido em seu país. Segundo Collins, em sua obra posterior, de mesmo nome⁶, Kierkegaard abandona a posição pela qual se referia ao estágio religioso como uma esfera indeterminada e passa a distinguir entre formas naturais de religiosidade e a religião do espírito do cristianismo único.

Toda a pessoa dotada de um pouco de discernimento que considere com seriedade o que se chama a cristandade, ou o estado de um país dito cristão, deve, certamente, bem depressa cair numa grande perplexidade. Que significa que tantos milhares de homens se digam cristãos sem mais dificuldades! Como podem obter este nome inúmeros homens, cuja imensa maioria, segundo tudo leva a crer, vive sob categorias tão diferentes, como o demonstra a mais superficial observação!⁷ (Collins 1986, pag. 59).

Não obstante, considerando, do ponto de vista humano de religiosidade, verificava-se na época uma barreira a essa conquista – o conformismo religioso latente no

⁵ Essa crítica é encontrada principalmente na obra “Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor”, onde defende que sua vida inteira esteve sempre pautada no estágio religioso.

⁶ A obra a que esse autor se refere (El pensamento de Kierkegaard) é *Postscriptum* conclusivo não científico às Migalhas Filosóficas, publicado em 28 de fevereiro de 1846, onde Kierkegaard acentua que “a verdade é a subjetividade”.

⁷ “Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor” p.37.

ambiente da igreja luterana ativa na cidade de Copenhague. Nesse sentido, Kierkegaard não via qualquer possibilidade imediata de uma transformação religiosa, radicalmente dirigida na direção de uma busca maior pelo desenvolvimento pessoal do quarto estágio, ou, como costumava dizer, “cristianismo autêntico”.

Conclusão

Para se discernir a posição Kierkegaardiana acerca do quarto estágio, foi preciso enveredar-se entremeios à vasta obra de Kierkegaard, em uma pesquisa teórica que proporcionasse o alicerce da investigação e o alcance da perspectiva relacionada com o conceito filosófico colocado pelo autor e como ele o define em conexão com a existência e com a religiosidade do indivíduo.

Conflicto de intereses: El autor declara que no tiene ningún posible conflicto de intereses. **Aprobación del comité de ética y consentimiento informado:** No es aplicable a este estudio. **Contribución de cada autor:** J.R. desarrolló las ideas y escribió el artículo. Ha(n) leído y aprobado el manuscrito final. **Contacto:** Para consultas sobre este artículo debe dirigirse a: (✉) Juvdr@uol.com.br

Referencias

- Agostinho, Aurélio. (1988). “Confissões”. 9ª. Ed. Petrópolis: Vozes,
- Almeida, Jorge Miranda e VALLS, Álvaro Luis Montenegro. (2007). “Kierkegaard”. Rio de Janeiro: Zahar.
- Blanc, Charles Le. (2003). “Kierkegaard”. Tradução de Marina Appenzekker. São Paulo: “Estação Liberdade”. (Figuras do Saber).
- Brown, Colin. (1989). “Filosofia e Fé Cristã”. São Paulo: Vida Nova.
- Collins, James. (1986). “El pensamiento de Kierkegaard”. 1ª ed. México: Fondo de Cultura Económica.
- Farago, France. (2006). “Compreendendo Kierkegaard”. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes.
- Gardiner, Patrick. (2001). “Kierkegaard”. Tradução de Antônio Carlos Vilela. São Paulo: Loyola.
- Gouveia, Ricardo Q. (2002). “Paixão pelo Paradoxo”: uma introdução aos estudos de Sören Kierkegaard e sua concepção da fé cristã. São Paulo: Novo Século.
- Kierkegaard, Soren A. (1964). “Temor e Tremor”. São Paulo: Livraria Exposição do Livro.
- Lane, Tony. (2000). “Pensamento Cristão” – Da Reforma à Modernidade. São Paulo: Abba Press.
- McArthur, John. (2002). “Sociedade sem Pecado”. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã.
- Olson. Roger E. (2004). “História das Controvérsias na Teologia Cristã”: 2000 anos de unidade e diversidade. São Paulo: Editora Vida.
- Paula, Marcio Gimenes de. (2009) “Indivíduo e comunidade na filosofia Kierkegaard”. São Paulo: Paulus.
- Reichmann, Ernani. (1978). “Textos Seleccionados de Sören Kierkegaard”. Curitiba: UFPF, 1978.
- Valls, Álvaro L. M. (2008). “Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado”: aforismos, novelas e discursos de Sören Kierkegaard. Porto Alegre.

Información sobre el autor

Juvenal Dias da Rocha é pastor e professor de teologia; pós-graduado em teologia pelo SBPV; bacharel, licenciatura e mestre em filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Realiza pesquisa e exposição teológica

e filosófica, foco principal estudo: aspectos teológicos e filosófico a partir dos pensamentos agostinianos de Sören Aabye Kierkegaard. Recém-ingresso no Programa de Doutorado da Universidade Federal de Uberlândia, UFU. Contato: Avenida Maranhão, 1215, Bairro Brasil, 38400-738 - Uberlândia, MG. E-mail: juvdr@uol.com.br.

Como citar este artigo

Rocha, Juvenal Dias da.(2021). "As Possibilidades Existenciais em Kierkegaard: A busca pelo estádio excelente – o Quarto Estádio". *Analysis* 29: pp. 175-184.